

PORTUGALIA

Materiaes para o estudo do povo portuguez

POLY GRAY

Director - Ricardo Severo
Redactor em chefe - Rocha Peixoto
Secretario - Fonseca Cardoso

MEMORIAS

	Pags.
M. Vieira Natividade	
F. Adolpho Coelho	
Theophillo Braga	
Sousa Viterbo	
José da Silva Picão	
Alberto Sampaio	
— GRUTAS DE ALCOBACA (com 237 figuras em XXIV estampas)	433-474
— A PEDAGOGIA DO POVO PORTUGUES (continuação)	475-496
— SOBRE GRAVURAS DOS LIVROS POPULARES (com 46 gravuras)	497-512
— ADAGIARIO PORTUGUEZ	513-534
— ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO (com 5 grav., continuação)	535-548
— AS "VILLAS" DO NORTE DE PORTUGAL (continuação)	549-584

VARIA

NOTAS E COMMUNICAÇÕES

Rocha Peixoto	— <i>Uma iconographia popular em azulejos</i> (com 10 gravuras)	585-590
SOCIEDADE ARCHEOLOGICA DA FIGUEIRA		
Communicações presentes á terceira sessão de 9 de abril de 1899 (com 8 gravuras)		
A. dos Santos Rocha	— <i>Mobiliario neolithico disperso no districto de Leiria</i>	591-592
—	— <i>Nota sobre um adorno metallico existente no Museu da Figueira</i>	592-593
—	— <i>Estação luso-romana da Pedrulha</i>	593-595
—	— <i>Dado romano proveniente das ruínas de Condeixa-a-Velha</i>	595-596
—	— <i>Necropole luso-romana da Senhora do Desterro, em Montemor-o-Velho</i>	596-598
Ricardo Severo e Fonseca Cardoso	— <i>Observações sobre os restos humanos da necropole de Nossa Senhora do Desterro</i>	598-599
A. dos Santos Rocha	— <i>Lapide sepulchral de Zalamea de la Serena</i>	600-601
Pedro Belchior da Cruz	— <i>Amphora de barro proveniente de Valencia del Cid (Hespanha)</i>	601-602
Pedro Fernandes Thomás	— <i>Nota sobre um grande vaso de barro existente no Museu</i>	602
Pedro Belchior da Cruz	— <i>Arcabuzes de serpe e morrão</i>	603-604
Pedro Fernandes Thomás	— <i>Amuletos do concelho da Figueira</i>	604-605
Augusto Goltz de Carvalho	— <i>Delimitação das antigas villas de Buarcos e Redondos</i>	605
José Fortes	— <i>Lagar de mouros</i> (com uma estampa)	606-608
L. de Figueiredo da Guerra	— <i>Uma povoação subterrada</i>	609-612
Albano Bellino	— <i>Habitação urbana</i> (com 11 gravuras)	613-618
A. Thomaz Pires	— <i>Amuletos</i>	618-622
Mello de Mattos	— <i>Cultura dos trigaes no Alemtejo</i>	622-623
Rocha Peixoto	— <i>Os cercos</i>	623-624
Rodríguez Monteiro	— <i>Os palitos</i> (com 2 gravuras)	625-628
Rocha Peixoto	— <i>A origem d'uma formula magica</i>	628-629
Sousa Viterbo	— <i>As candeias na industria e nas tradições populares portuguezas</i>	629-631
Tavares Teixeira	— <i>Folk-lore transmontano</i>	631-632

NOTICIAS

<i>Alfaiá agricola portuguesa</i> , por F. Adolpho Coelho (com 14 gravuras)	633-649
<i>A Carta geologica de Portugal</i> , por R. P.	650
<i>A colleção archeologica de Albano Bellino, em Braga</i> , por R. S.	651-652
<i>Os portuguezes segundo algumas photographias</i> , por R. S.	653

OS MORTOS

<i>Emílio Hübler</i> , por Joaquim de Vasconcellos (com 1 retrato)	654-656
<i>Luciano Cordeiro</i> , por R. P. (com 1 retrato)	656

BIBLIOGRAPHIA

LIVROS E OPUSCULOS

ANTONIO DOS SANTOS ROCHA — <i>Antiguidades prehistoricas da Figueira</i> , por R. S.	657-659
A. GONÇALVES LOPES — <i>Os Beirões</i> , por F. C.	659-660
AGOSTINHO VIEGAS DA CUNHA LUGAS — <i>O angulo biorbitario dos cranios portuguezes</i> , por F. C.	660
ALEXANDRE ALBERTO DE SOUSA PINTO — <i>Estudos sobre a mandibula</i> , por F. C.	660
M. ESTEVES PEREIRA — <i>A industria portuguesa</i> , por R. P.	661
VIARIOS — <i>Le Portugal</i> , por R. P.	662-664

COLLABORADORES ARTISTICOS D'ESTE FASC.: D. Clotilde da Rocha Peixoto, E. Corrodi, F. Gil, G. Van Kricken, Hugo de Noronha, L. Battistini, M. Natividade, S. Silvestri, etc.

C LICHÉS DE: Joaquim d'Alreu, M. Carneiro, Sousa Pinto, etc.

Muito lucidamente o illustre publicista vê ainda nas *rogações* a substituição ecclesiastica da festa dos fachos. Com effeito os clamores, rondas e ladarios realisam-se ainda hoje ás centenas nas provincias do norte, em voto ou em prece, por motivo de epidemias, de chuvas, de secas e de bichos no milhão ou em outras plantas de cultura. Alludindo á pratica já remota, Viterbo diz (*Eluc.*, II, 1799, voc. *Ladairo*): «Esperavam elles (os nossos maiores) por este modo serem livres dos animaes damninhos e destemperança dos ares, que lhes destruiam as seáras, matavam os gados e affligiam os povos». A consagração official d'esta adaptação de solemnidade pagã observa-se na associação geral dos parochos, na incorporação das camaras, como a de Amares no clamor a S. Pedro Fins, freguesia de Caires, e ainda na collaboração de conegos, como na ronda da Lapinha, de S. Lourenço de Calvos á collegiada de Guimarães. Uma monographia nossa, ainda em esboço, esclarecerá e desenvolverá opportunamente a significação e latitude d'estes votos.

Mais do que os clamores, cramos ou caramoes accusam os círcos, ao parecer, vestigios menos distantes da solemnidade que o eminente publicista tam eruditamente estuda e interpreta. Foram prohibidos no Minho, pelo prelado, ha algumas dezenas de annos; muitas pessoas, entretanto, se recordam, inclusivamente de n'elles collaborarem. E consistiam n'isto. Por motivo de voto antigo e depois da Paschoa a maioria das pessoas d'uma freguesia, com pendões, cruses e andores, começava pela manhã a percorrer os limites da parochia. Á frente um grupo de atiradores armados com bacarmates disparava frequentemente, em regra ao desafio, presumindo cada qual em occasionar maior estrondo. O excesso das cargas originava desastres, bem graves por vezes, e ao cabo da volta, depois de *cercada* a freguesia, o tiroteio representava o dispendio de algumas arrobas de munições. Nas freguesias do Valle, do Couto e de S. Jorge, concelho dos Arcos de Val de Vez e em outras do de Ponte do Lima ainda se faziam os círcos ha 40 annos. E como lembrança d'este costume prohibido resta hoje a facecia popular, quando algum homem passa de espingarda: «Vaes para o círculo?» Ou então: «Podias ir para o círculo!»

Nas freguesias de Amorim, Terroso e Nabaes, concelho da Povoia de Varzim, effectuavam-se os círcos tambem depois da Paschoa. A volta á freguesia durava, como em geral em todo o Minho, o dia inteiro. Homens á frente deitavam foguetes constantemente. E entre os andores o S. Sebastião era indispensavel. O círculo exprimia uma rogativa para que não houvesse peste e abundassem os fructos.

O divertimento, os banquetes finaes, os galanteios demasiado expressivos durante toda a solemnidade, «com as consequencias ao cabo de nove meses», como me diziam em Terroso, as rixas, os ciumes e os tumultos provocaram a prohibição d'esta festa verdadeiramente orgiastica. Mas no intuito e formas que revestiam os círcos não avulta a similitude com o *Ambarvalium sacrum*, ou procissão em volta das seáras verdes? Os tiros não serão um vestigio d'uma forma de defesa do ser damninho, de purificação? E os frangos offerecidos pelo clamor a S. Pedro Fins não serão o echo dos animaes sacrificados nos *Ambarvalia*? (A. COELHO, nota da pag. 27 do ext. e DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.*, I, voc. *Amb. sacrum*).

Clamores e círcos exprimem porventura manifestações levemente diversas d'uma mesma intenção visto ser-lhes commum a maioria dos elementos. E ocorre-nos ainda pôr em presença de Luperco, provavel repulsor de todo o bicho damninho das seáras, ou talvez melhor do Caçador infernal, com attributos oppostos, o *macacão das dominicas*, figura monstruosa sob-posta ao órgão da igreja de Santa Rosa, em Guimarães, e ao qual o vento dos folles faz agitar os braços, abrir a bocca e roncar. A ronda da Lapinha tem como uma especie de posse a exhibição d'esta farça ao passar na igreja alludida. Tambem na matriz de Santo Thyrsio outra caraça, em igual situação, ronca e distende monstruosamente a lingua; por igual succede n'outra igreja de Braga, na Sé, se bem nos occorre. Será acaso ou uma correlação olvidada, quasi perdida?

Mas, alheando-nos d'este incidente, o que se nos affigura legitimo é incluir os círcos entre as numerosas formas propiciatorias ou esconjuratorias «com que se chamava a fecundidade para a natureza que resurgia do lethargo invernal».